

KARL MARX: VIDA E OBRA EM UMA INTRODUÇÃO HISTÓRICO-CRÍTICA

[KARL MARX: LIFE AND WORK IN A HISTORICAL AND CRITICAL INTRODUCTION]

Francisco Ramos Neves

Doutor em Filosofia pelo programa de Doutorado Interinstitucional (UFPE/UFPB/UFRN) Possui graduação em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (1992) e mestrado em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba (2001). Foi professor substituto do Departamento de Filosofia da UFRN (1996-1998 e 2006). Foi professor substituto do Departamento de Educação da UFRN (2001 a 2003). Atualmente é professor Adjunto do Departamento de Filosofia - DFI-UERN. Tem experiência na área de Filosofia, com ênfase ética e filosofia política; História da Filosofia, Filosofia Geral e Filosofia da História. Desenvolve pesquisas principalmente nas seguintes áreas: Filosofia Política, Metafísica, Ética, Filosofia da Ciência Social, Filosofia do Direito, Teoria do Conhecimento, Filosofia Contemporânea e da pós-modernidade, hermenêutica histórico-crítica, cultura política e Metodologia do Ensino de Filosofia. Aulas, palestras, assessoria e orientação na área de elaboração, gestão e avaliação de Projetos Sociais. Fundador e Líder do Grupo de Pesquisas NEFIL (Núcleo de Estudos, Ensino e Investigações em Filosofia, inscrito no Diretório de Grupos de Pesquisas do CNPq. Professor permanente do Mestrado Profissional em Filosofia - PROF-FILO (UFPR-UERN).

(E-mail: professor.ramos@hotmail.com)

Recebido em: 28 de fevereiro de 2019. Aprovado em: 17/03/2019

Karl Marx: vida e obra em uma introdução histórico-crítica

NEVES, F. Ramos

Resumo: O artigo aborda de forma introdutória aspectos da vida e obra de Karl Marx. Apresenta uma investigação histórico-crítica do percurso intelectual e político de formação do pensamento marxiano, a partir da exposição de suas obras. Demonstramos os fundamentos filosóficos e políticos em sua obra e levantamos alguns elementos críticos para o debate contemporâneo.

Palavras-chave: Karl Marx. Pensamento marxiano. Vida. Obra.

Abstract: The article discusses introductory form aspects of the life and work of Karl Marx. Features a historical-critical investigation of the intellectual and political journey of formation of Marxian thought, from the exhibition of his works. We demonstrate the philosophical foundations and politicians in your work and we raised some critical elements for the contemporary debate.

Keywords: Karl Marx. Marxian thought. Life. Work.

Karl Marx: vida e obra em uma introdução histórico-crítica

NEVES, F. Ramos

INTRODUÇÃO

Tratar do marxismo é algo que diz respeito à uma discussão polêmica e sempre atual no sentido do resgate ou no do repensar criticamente seus fundamentos. Manter sempre viva uma teoria e honrar seus pensadores consiste em atualizar e enfatizar seu debate. E tratar da obra e vida do “corifeu da filosofia da *práxis*,” como dizia Antônio Gramsci, é revisitar seus caminhos e desafios na constituição dos seus fundamentos.

Observando seu percurso histórico e situando suas obras cronologicamente podemos aproximar o público leitor dos momentos significativos do pensamento e vida em análise. No artigo buscamos expor aspectos importantes da vida e obra do filósofo Karl Marx. Também apresentamos alguns contrapontos reflexivos sobre elementos críticos em suas obras. Atualmente muitas pesquisas e teorias surgem sobre a crise dos paradigmas filosóficos da tradição filosófica. Para muitos críticos, o marxismo, enquanto teoria, encontra questões desafiadoras perante a realidade presente, a ponto de encarar os limites dos seus postulados e perceber a falência de alguns de seus modelos de explicação da realidade. Porém, esta condição de crise da teoria potencializa o debate e provoca seus estudiosos a repensarem a realidade e seus próprios fundamentos.

Mas, o marxismo não se encontra em uma situação particular neste cenário pós-moderno da atualidade. As crises rondam todos os sistemas de pensamento referenciados pelas construções filosóficas erigidas sobre os pilares do racionalismo. O pensamento marxiano, embora proponha uma política revolucionária da *práxis*, se envereda na tradição filosófica para resgatar os postulados da racionalidade na construção de uma teoria que se proponha enquanto ciência.

O tema da *práxis* será, para Marx, o ponto de encontro das tradições racionalista e empirista. O conhecimento, na perspectiva marxiana, está ligado ao fazer ou à relação fundamental do homem com a natureza, que se exprime no ato de produzir. E é justamente enquanto ser produtor que o homem é também ser cognoscente. Conceber o homem enquanto ser produtor implicava, para Marx, um recurso à tradição racionalista (VAZ, 1987, p. 166).

E o marxismo como, uma teoria científica da história, de acordo com seus fundadores, não poderia escapar aos tempos críticos e corrosivos da pós-modernidade. É inegável que o pensamento contemporâneo passa por profundas crises e que, só uma análise mais profunda, complexa e detalhada poderia problematizar filosoficamente os aspectos dessas crises, o que não é o propósito deste trabalho.

Karl Marx: vida e obra em uma introdução histórico-crítica

NEVES, F. Ramos

Com a ousadia do pensar filosófico, o presente artigo apresenta as obras e alguns detalhes do pensamento marxiano¹, o que configura apenas as obras de Karl Marx e podemos incluir também as obras de Friedrich Engels.

No sentido da exposição histórica das ideias de Karl Marx, que vão além dele, é importante ressaltar, para um claro entendimento comunicacional, que não comungamos com a ideia de se criar um fosso conceitual entre teoria marxiana e teoria marxista. Nem muito menos podemos concordar com uma “cesura epistemológica” (ALTHUSSER, 1977) nas obras de Karl Marx, criando uma ruptura entre o jovem e o velho Marx.

Dentre os historiadores alguns definem o pensamento marxiano como sendo o conjunto das elaborações de Marx e Engels (ou, para outros, só de Marx). E para o pensamento marxista apresentam o conceito que a define como a somatória das ideias de Marx e Engels com interpretações e contribuições de outros marxistas (Lenin, Stalin, Rosa Luxemburgo, Lukács, Gramsci, Althusser, etc.). Mas, é importante evidenciar que estas denominações são contra até mesmo a intenção de Marx ao utilizá-las. Quanto à sua produção intelectual, Marx “sempre se recusou a classificá-la como ‘marxismo’, a ponto de afirmar claramente: ‘tudo que sei é que não sou marxista.’” (TRAGTENBERG, 1987, p. 195). O termo marxismo surgiu de forma pejorativa nos radicais debates com os anarquistas liderados por Bakunin, quando estes queriam ironicamente atribuir a Marx o controle, monopólio e o poder autoritário sobre as ideias do grupo de militantes ao qual Marx fazia parte.

A origem do conceito ‘marxismo’ pode ser encontrada nos calorosos debates entre os adeptos de Bakunin e Marx, onde os discípulos daquele não se cansavam no ardor da polêmica em alcunharem seus opositores como ‘marxistas’ ou adeptos do ‘marxismo’” (TRAGTENBERG, 1987, p. 195).

Entretanto, existem as nuances de perspectivas no pensamento de cada um deles, mas não apenas variações manifestas na forma de aplicação dos postulados legados pelos “corifeus” (fundadores) do marxismo. Podemos conjecturar que na perspectiva da formação do marxismo entendemos que entre Marx e Lênin, Stálin, Trotsky, Mao, Plekhanov, e demais marxistas, não existem grandes barreiras que os separem, mas, somente diferenças estratégicas de manuseio da teoria. Destarte, até o socialismo real representa e representou um tipo de exercício prático desta teoria. Mas, é claro que poderíamos ter visto ou poderemos ver na história, outras formas de socialismo inspiradas nas ideias marxistas.

O mais importante objetivo do artigo, ao expor a vida e obra de Marx, é o de convidar os leitores ao revisitar a teoria marxiana, para buscar seus elos de continuidade e/ou rupturas com relação ao marxismo dos seus seguidores, para enfrentar seus desafios críticos no presente e propor atualizações revolucionárias de suas ideias.

¹ O termo *marxiano* foi adotado pelo grande filósofo marxista Chasin (1987), designando como sendo o pensamento contido apenas nas obras de Marx e Engels. Já o pensamento *marxista* seria a somatória das contribuições dos diversos seguidores das ideias dos iniciadores.

² Extraído da Carta de Engels ao Jornal *Sozialdemokrat* de 7.9.1890 (TRAGTENBERG, 1987, p. 195).

Karl Marx: vida e obra em uma introdução histórico-crítica

NEVES, F. Ramos

EXPOSIÇÃO HISTÓRICA DO PENSAMENTO MARXIANO: VIDA E OBRA

Em 5 de maio de 1818, em Trier (Treves), na Renânia, antiga cidade da Prússia, nasceu o pensador Karl Heinrich Marx. O seu pai Hirschel, advogado israelita e conselheiro de justiça, se converteu em 1824 ao protestantismo, batizando-se com o novo nome de Heinrich. Enriqueta Presburg, descendente de rabinos, era sua mãe³.

Após terminar o liceu de Treves, Marx entrou para a universidade de Bonn em 1835 e no ano seguinte foi para Berlim cursar Direito. No entanto, não teve bons rendimentos nos estudos; descobrindo a vida boêmia, se dedicou a escrever diversos poemas, bem como versos apaixonados à sua amiga de infância, Jenny Von Westphalen, com quem se casou mais tarde (1843). Era uma jovem de rara beleza, oriunda de uma família aristocrática reacionária da Prússia, que mesmo assim soube enfrentar duramente a vida sofrida de casada, chegando a momentos de falta de alimentação para os seis filhos dos quais apenas três chegaram à fase adulta.

Foi durante sua estada em Berlim (1837-1841) que Marx teve contato com a filosofia de Hegel⁴; afastando-se cada vez mais do Direito, se aproximou dos estudos de História e Filosofia.

Nesta época os hegelianos se dividiam em: hegelianos de direita e os chamados hegelianos de esquerda. Os primeiros enfatizavam fielmente do pensamento de Hegel, os seus aspectos mais conservadores. Já os segundos, extraíam da filosofia de Hegel conclusões radicais, políticas e revolucionárias, para demonstrarem a necessidade da transformação burguesa da Alemanha e colocavam o homem como o sujeito ativo na história. Estas ideias da esquerda hegeliana eram partilhadas por David Strauss, Bruno, Egbert e Edgard Bauer, Max Stirner e, durante certo tempo, por Ludwig Feuerbach, assim como por Marx e Engels. Esta fase na vida de Marx, que ficou caracterizada como o período do “jovem Marx”⁵, teve seu marco inicial na sua tese de doutoramento sobre a

³ Podemos observar que a religião judaica dos pais influenciou, em alguns aspectos, a formação teórica do filho, como influenciou muitas elaborações na filosofia da história dos modernos e contemporâneos, sobretudo nos aspectos teleológicos que secularizam os motivos escatológicos da tradição hebraico-cristã. Vide: (LÖWITH, 1956).

⁴ As influências hegelianas se iniciaram com as aulas do seu professor de Direito, Eduardo Gans, durante o primeiro período escolar. Gans era um judeu batizado, um hegeliano liberal que enfatizava nas suas aulas, os aspectos libertadores na visão racional de evolução da história em Hegel. Pela primeira vez, Marx, revela sua adesão inicial ao hegelianismo, escrevendo um diálogo intitulado “Cleantes, ou o ponto de partida e progresso necessário da filosofia”, formando a partir daí um grupo de estudos sobre Hegel. Mas, antes dessa influência, Marx, namorou algum tempo com a filosofia de Kant, Fichte e até Schelling. Maiores informações in: (McLELLAN, 1990. pp. 37-45).

⁵ Neste trabalho não aceitamos a divisão do pensamento de Marx, feita por Althusser em seu “*Pour Marx*”, que defende a existência de uma “cesura epistemológica” completa entre escritos de juventude de Marx (1840 a 1845) e os chamados escritos da maturidade (1845 a 1883). A noção da cesura evidencia implicitamente o apego de Althusser ao positivismo (como exemplo ver elogio a Auguste Comte, feito no mesmo livro citado, na página 16) quando diz que o jovem Marx foi ideólogo e com seus textos da maturidade passou para uma visão cientificamente pura, não ideológica. Sobre a defesa da existência da cesura (corte) no pensamento de Karl Marx, consultar Althusser (1977), sobretudo no Prefácio e no Capítulo “*Sobre o jovem Marx*”.

Karl Marx: vida e obra em uma introdução histórico-crítica

NEVES, F. Ramos

Filosofia de Epicuro em comparação com a Filosofia de Demócrito, concluindo o Doutorado em 1841.

Neste mesmo período, em função das perseguições políticas que obrigaram o afastamento dos jovens hegelianos de esquerda da vida universitária, Marx abandonou o projeto de ensinar na universidade.

Com a *Essência do Cristianismo* (1841) e os *Princípios da Filosofia do Futuro* (1843), escritos por Ludwig Feuerbach, Marx e Engels tornaram-se autênticos feuerbachianos.⁶ Evidenciando a tendência em contraposição aos pressupostos teológicos das obras de Hegel, advogando, assim, o materialismo e a negação do Deus como criador e colocando-o como mero reflexo do homem em suas qualidades superiores. Nesta fase, Marx não poupa elogios a ele, a ponto de dizer que, “*Feuerbach* é o único que tem para com a dialética hegeliana um comportamento *sério, crítico*, e [o único] que fez verdadeiras descobertas nesse domínio, [ele é] em geral o verdadeiro triunfador (*Überwinder*) da velha filosofia.” (MARX, 2008, p. 117).

A partir de 1842, em Colônia (Alemanha), Marx atua com afinco nos trabalhos do jornal de oposição, *Gazeta Renana*, chegando a ser redator-chefe até o seu fechamento pela censura política do governo prussiano em 1843.

Se enveredando cada vez mais nos problemas sociais e políticos Marx se interessava decididamente por apontar alternativas ou pesquisá-las.

O governo da Prússia amplia as perseguições e cerceava crescentemente a liberdade dos pensadores da esquerda hegeliana, levando Marx a transferir-se para a França, onde, em Paris, com a colaboração de outros jovens hegelianos principalmente com Arnold Ruge (1802 - 1880), publicava a revista: *Anais Franco-Alemães*, no intuito de divulgar seus pensamentos. Porém, por causa das dificuldades da clandestinidade, que dificultava sua divulgação na Alemanha e também por divergências com Ruge, se limitaram apenas à uma publicação em fevereiro de 1844; publicação esta, que contava com um artigo de crítica à economia política escrito por Engels, o qual interessou e incentivou Marx a estudar profundamente a economia marcando uma virada no seu pensamento e o começo de uma grande amizade entre eles (Marx e Engels).

O manuscrito *Crítica à Filosofia do Direito de Hegel*, escrito em 1843, foi uma das contribuições de Marx para os *Anais Franco-Alemães*; bem como, a obra sobre “*A questão Judaica*”. Para Engels, o conjunto destas duas obras representou início de seus escritos socialistas (ENGELS, 1987). Os dois trabalhos são substanciados com muita, ou quase toda, terminologia e problemática feuerbachiana.⁸

⁶ A partir do contato com as obras de Feuerbach, Engels, comentando-as mais tarde dizia que, “nós (quer dizer os hegelianos de esquerda, incluindo Marx) nos tornamos imediatamente feuerbachianos.” (LENIN, 1985. p.10).

⁷ Marx não fez, como pretendia, uma análise crítica de toda a Filosofia do Direito de Hegel, se atendo nesta obra apenas à última parte referente ao Estado em Hegel; e a crítica ficou como uma introdução. Ver: (McLELLAN, 1990. pp.82-3).

⁸ Segundo Althusser, “artigos como *A Questão Judaica* ou a *Crítica do Estado de Hegel*, não são inteligíveis senão no contexto da problemática feuerbachiana.” São textos onde Marx utiliza várias terminologias de Feuerbach tais como: a alienação, o homem genérico, o homem total, a conversão sujeito-atributo, etc.. Outro exemplo é

Karl Marx: vida e obra em uma introdução histórico-crítica

NEVES, F. Ramos

Também registra a tomada de posição de Marx para a vanguarda do pensamento feuerbachiano, ao utilizar a sua teoria da alienação referente à “natureza humana” para a política e para a atividade concreta dos homens, fazendo uma crítica prática, procurando penetrar nas massas com uma intervenção política que visava a conversão das mesmas em uma força social, capaz de mudar a sociedade. É a adesão de Marx à luta pelo projeto, mais tarde denominando de comunismo (ALTHUSSER, 1979, p. 139). Dava-se primazia ao combate ao Estado alemão opressor e, por fim, a todo tipo de particularismos e fragmentação de classes, como forma de obter a realização do “homem ser genérico e comunitário”. Pela primeira vez Marx proclamava a luta de classes como motor da história e o proletariado enquanto sujeito revolucionário.

Durante o período de julho e agosto de 1844, Marx escreveu volumosas notas sobre economia clássica, comunismo e sobre Hegel. Conhecidos como “*Manuscritos Econômicos Filosóficos*” ou “*Manuscritos de 1844*”, ou mesmo “*Manuscritos de Paris*”. Estes documentos (integralmente publicados só depois da segunda década do século XX, precisamente em 1932) foram consagrados para alguns como sua obra isolada mais importante. Estes Manuscritos edificam a pedra angular da filosofia da história marxista, com nítida influência de Hegel, quanto a um sentido lógico da história, que para Marx teria um fim escatológico no comunismo “o reencontro do homem com sua essência”⁹ (MARX, 2008, p. 105).

Os Manuscritos de 44 representam as noções fundamentais de economia a serem continuadas e aprofundadas mais tarde nos *Grundrisse* e em *O Capital*.¹⁰ Para Althusser, dentre outros temas, “os Manuscritos são o produto do encontro de Marx com a Economia Política” (ALTHUSSER, 1979, p. 136) e é isto que eles trazem de novo em relação aos escritos anteriores, além de uma abordagem introdutória sobre a ontologia marxiana.

Dos Manuscritos, quatro sobreviveram, embora de forma incompleta. No primeiro, composto por vinte e sete páginas, consiste de textos fragmentados sobre economistas clássicos (Say, Skarbek, Smith, Ricardo, etc.) sobre salário, lucro e renda, e notas de Marx sobre o trabalho alienado. O segundo, composto por quatro páginas, é uma pequena análise da relação capital-trabalho. Já o terceiro, mais polêmico e fundamental, contém quarenta e cinco páginas e compreende uma discussão sobre propriedade privada, trabalho e comunismo, crítica da dialética de Hegel uma seção sobre o dinheiro. O quarto e último manuscrito, de apenas quatro páginas é uma análise às vezes obscura da Fenomenologia do Espírito, de Hegel, e se detém mais no capítulo final da mesma (Saber Absoluto).

Nestes manuscritos “aparecem juntos pela primeira vez, embora ainda não unidos, o que Engels descreveu como sendo os três elementos constituintes do pensamento de Marx – filosofia idealista alemã, socialismo francês e economia inglesa” (McLELLAN, 1990, p. 143). Daí a importância da sua leitura para a compreensão do pensamento marxiano.

a célebre frase da crítica à Filosofia do Direito de Hegel: ‘Ser radical é atacar o problema em suas raízes. Para o homem, porém, a raiz é o próprio homem.’ Sobre isto ver: (ALTHUSSER, 1979, pp. 35 e 46 a 57).

⁹ Esta influência hegeliana permaneceu sempre presente nas obras marxianas.

¹⁰ Demonstrando, com isto, a continuidade do pensamento de Marx, da juventude até a fase adulta. Algo não aceitável por Althusser (1979), que defende a existência de uma “cesura epistemológica” no pensamento de Karl Marx.

Karl Marx: vida e obra em uma introdução histórico-crítica

NEVES, F. Ramos

Também em 1844, nos seus últimos meses em Paris, Marx, em parceria com Engels, escreveu a *Sagrada Família*, cujo subtítulo é *Crítica de Uma Crítica Crítica*¹¹. Eles fizeram uma análise das consequências políticas do neo-hegelianismo. Uma crítica veemente a Bruno, Edgard e Egbert Bauer (por serem irmãos, veio daí o irônico título de *Sagrada Família*), que assumiam uma política tida como elitista, pelos autores, pois eles (os irmãos) enfatizavam o papel das elites intelectuais nas mudanças sociais e desprivilegiavam o papel dos trabalhadores. Sobre isto, vejamos a citação abaixo:

Em lugar do isolamento do espírito diante das massas, Marx e Engels preconizavam um amplo entrosamento da teoria com os proletários, pois, diziam, nada é mais ridículo do que uma ideia isolada de interesses concretos (GIANNOTTI, 1978, p. XIV).

Marcou-se, assim, uma ruptura com a esquerda hegeliana¹¹. Definitivamente não foi uma das grandes obras de Marx. Nela o autor faz amplo uso de sua forma radicalmente crítica de desmontar o discurso do oponente; perfil muito característico e presente em grande parte de sua obra e nos embates políticos contra seus opositores. Segundo o historiador do marxismo, David MacLellan, Marx incorreu em muitas atitudes errôneas, pois, “muitos dos ataques de Marx consistiram em deturpações sofismáticas e deliberadas que distorciam os artigos de seus opositores, raiando ao absurdo (...) Havia pouca coisa, realmente, de interesse permanente” (McLELLAN, 1990, p. 149). Mas, podemos entender que, em Marx, o método da ironia maiêutica socrática torna-se presente para que possa fazer “arder como chicote” as críticas radicalmente dialéticas sobre a pele e consciência dos seus interlocutores.

A 2 de fevereiro de 1845, Marx, a exemplo de outros jovens hegelianos, é literalmente expulso da França por questões políticas, e parte para viver em Bruxelas na Bélgica, por alguns tempos.

As onze “*Teses Sobre Feuerbach*” escritas em 1845, nasceram com forte disposição de romper com toda a problemática feuerbachiana, que orientava Marx até então. Estas Teses constituíram a pedra angular da centralização do pensamento marxiano a uma visão empírica (materialista) da história, apesar de ter havido fragmentos da mesma nos manuscritos anteriores. Também representou o esboço para a elaboração da obra, considerada por muitos como a mais importante de Marx “*A Ideologia Alemã*”.

A “*Ideologia Alemã*” quando foi escrita por Marx e Engels em 1846, teve ao mesmo tempo duas preocupações. A primeira era de ordem negativa, que foi a de polemizar e combater a filosofia alemã e o socialismo alemão de alguns teóricos. A outra preocupação visava criar positivamente as barreiras precedentes da interpretação materialista da história, conforme o próprio Marx escreve em uma carta explicativa a seu amigo Leske. (McLELLAN, 1990, p. 158).

¹¹ A ruptura é em relação à organização e à forma de abordagem do real, mas, não efetivamente com a problemática filosófica hegeliana.

Karl Marx: vida e obra em uma introdução histórico-crítica

NEVES, F. Ramos

A primeira parte consiste em uma crítica, inacabada, a Feuerbach e a outros jovens hegelianos. Também discorrera sobre a divisão do trabalho, sobre o comunismo e realiza uma crítica, em longa seção, a Max Stirner, devido a uma obra deste, intitulada: “*O Ego e o Seu Próprio*.”

A segunda parte consiste em uma crítica ao socialismo alemão utópico manifestando a atualidade do assunto em sua forma mais próxima, diferentemente de outros temas ao longo de “*Ideologia Alemã*”. Nesta obra, foi consagrado uma inversão do pensamento hegeliano. Marx e Engels declaram nesta obra, que “não é a consciência que determina o vida é a vida que determina a consciência” (MARX; ENGELS, 1984, p. 23); enfatizando, assim, o primado da anterioridade da matéria, consagrando um dos mais importantes pressupostos da filosofia marxiana. A *Ideologia Alemã*, apesar das várias tentativas frustradas de publicação, não foi publicada na época, o que tornou possível apenas em 1932; ficando um longo tempo submetida “à crítica roedora dos ratos” conforme relatou mais tarde os seus próprios autores.

Em 1847, como resposta ao livro de Proudhon “*Sistema das Contradições Econômicas*”, que tinha o subtítulo “*A Filosofia da Miséria*”, Marx escreveu “*A Miséria da Filosofia*”. Crítica que iniciaria um debate bastante áspero entre os dois teóricos. Em primeiro momento Marx tratou da teoria do valor e depois implementou um ataque ao método de Proudhon, terminando com uma análise sobre o movimento da classe operária.

A partir do estabelecimento do Comitê de Correspondência Comunista,¹² Marx e Engels conseguiram propagar os ideais socialistas e efetivar contatos e informações entre os socialistas espalhados por toda a Europa. Juntou-se a eficácia do Comitê com a organização da Liga dos Justos (sociedade secreta de socialistas alemães) e formou-se a Liga dos Comunistas em Londres, por ser esta a colônia de maior número de operários alemães.

No término do segundo congresso da liga, realizado em 1847, Marx e Engels receberam a incumbência de redigirem um manifesto de divulgação das ideias sociais da Liga. Em meio às comoções sociais de 1848, surge o “Manifesto do Partido Comunista” (*Manifest Kommunistischen Partei*) que, apesar de aparecerem os nomes dos dois, o escrito do Manifesto foi feito exclusivamente por Karl Marx (McLELLAN, 1990, p. 196). E o próprio Engels reconhece a autoria quase única de Marx. Nesse sentido, ele diz que, “sendo o *Manifesto* nossa obra comum, considero-me obrigado a declarar que a proposição fundamental que forma seu núcleo pertence a Marx” (ENGELS, 1988, p. 50).

O *Manifesto do Partido Comunista*, expõe a nova concepção do mundo, firmada sobre os pilares do materialismo, atribui-se ao proletariado o papel de revolucionar a sociedade, e teoriza sobre a luta de classes e o fantasma do comunismo proposto como futuro teleológico da história. Propõe ainda a supressão da propriedade privada e apropriação social dos meios de produção quebrando o modo inerente a tal sistema. Tece críticas às formas divergentes de socialismo e conclui propondo aos proletários uma união internacional. “Proletários de todos os países, uni-vos!” (MARX; ENGELS, 1988, p. 99). Intenção teórica mais tarde objetivada em ação experimental com a formação da I Internacional Comunista.

¹² Mais detalhes sobre a história deste comitê, consultar: (McLELLAN 1990, pp170 ss)

Karl Marx: vida e obra em uma introdução histórico-crítica

NEVES, F. Ramos

Quando a revolução de fevereiro em Paris (1848) se efetivou provocando levantes em Bruxelas, o governo belga deteve Marx e o expulsou da Bélgica, fazendo-o voltar a Paris, que também teve de abandonar depois da revolução de março, e regressa a Alemanha para se fixar em Colônia. Foi em Colônia que Marx (juntamente com Engels e outros colegas) organizou e foi redator-chefe da *Nova Gazeta Renana*, que funcionou de 01 de junho de 1848 a 19 de maio de 1849, período de grande turbulência na vida deste intrigante comunista.¹³

Com a vitória da contrarrevolução na Alemanha, Marx foi ao tribunal, julgado por suas atitudes políticas e críticas no jornal sendo absolvido a 9 de fevereiro de 1849, mas foi expulso da Alemanha. Voltou a Paris por algum tempo e foi novamente expulso. Depois se instalou definitivamente em Londres, onde viveu até o fim dos seus dias.

Em Londres, Marx aproveita o recesso político e dedica-se exclusivamente aos seus estudos econômicos. Tentou organizar uma revista que divulgasse as ideias socialistas, mas não teve muito êxito. Para esta revista (*Revue*), Marx escreveu uma série de artigos que Engels mais tarde republicou sob o título: *As lutas de classe na França -1848-1850* (McLELLAN, 1990, p. 225), que consistem em relatos sobre a situação histórica de revolta e contra revoltas, vivida pela França e Europa conseqüentemente.

Em 1852 Marx escreveu “*O 18 Brumário de Luís Bonaparte*”, onde analisa o golpe de Estado de Napoleão III, ocorrido no mesmo ano na França. Neste mesmo ano, Marx já vivia sérias dificuldades financeiras, só sobrevivendo graças ao auxílio de Engels e ao rendimento do seu contrato com o *New York Daily Tribune*, durante oito anos escrevendo pequenos artigos políticos, econômicos e militares.

Entre outubro de 1857 e março de 1858, Marx escreveu uns manuscritos que ficaram conhecidos como “*Grundrisse*” (‘esboço’, em alemão). Uma obra que trata de diversos assuntos, dando-se primazia à economia política, mas totalmente entremeada de constantes digressões sobre temas como: o indivíduo e a sociedade, a natureza do trabalho, o tempo livre, natureza da alienação, etc. Com esta diversidade o “*Grundrisse*” passou a ser um esboço de proporções enormes, “o que Marx apresentou mais tarde ao mundo em seu “*Capital*”, cobria apenas uma fração do campo que delimitado no *Grundrisse*” (McLELLAN, 1990, p. 314)¹⁴.

Esta obra do pensamento marxiano, nega definitivamente as pretensões absurdas de se constatar uma ruptura radical entre o jovem e o velho Marx, pois o *Grundrisse* “continuava os temas centrais dos *Manuscritos de 1844*” (McLELLAN, 1990, p. 316), tratando-os de um modo mais sofisticado, embora chegando a reproduzir

quase palavra por palavra das passagens nos Manuscritos sobre a necessidade humana, sobre o homem como ser específico, o indivíduo como ser social, a ideia da natureza como (num sentido) corpo do

¹³ Maiores detalhes ver: (ENGELS, 1987, pp.73-5)

¹⁴ O *Grundrisse* só foi publicado em 1939-41

Karl Marx: vida e obra em uma introdução histórico-crítica

NEVES, F. Ramos

homem [...] O *Grundrisse* é tão ‘hegeliano’ como os “Manuscritos de 1844 (McLELLAN, 1990, p. 324)¹⁵.

Grundrisse abriu uma era de muitos trabalhos econômicos de Marx, inclusive prenunciou o nascimento de um novo trabalho teórico: *Contribuição à Crítica da Economia Política* (1859). Esta obra representa uma afirmação positiva da teoria do valor em Marx, escrita pela primeira vez de uma forma sistemática, incluindo, também, a teoria do dinheiro. No prefácio desta contribuição, Marx torna explícito a sua noção sobre o materialismo histórico e evidencia a sua fundamentação de filosofia da História (pelo menos em seus pressupostos).

Depois de muito tempo de estudos, escritos polêmicos, principalmente como um sobre o senhor Karl Vogt¹⁶ e sobretudo com dificuldade saúde, em setembro de 1867 apareceu o *Capital: Crítica da Economia Política*, referente ao volume I, tratando do Processo de Produção Capitalista. Principal obra de Marx, seu *magnum opus*, onde expõe o núcleo fundamental de suas ideias econômico-socialistas; bem como, apresenta aprofundamento à análise marxiana crítica da sociedade capitalista, com seu modo de produção e suas relações de exploração e sua acumulação.

É uma obra que sem dúvida sintetiza muito bem o processo de descaramento das relações capitalistas de produção, muito deste trabalho teórico é imprescindível para uma compreensão da sociedade existente hoje. A dificuldade de sua leitura é muito bem exposta abaixo:

Não é fácil a leitura dessa obra, que exige do leitor uma verdadeira ruptura com o senso comum. Árduo é compreender como os conceitos não se confirmam no imediato; que a lei do valor, por exemplo, não se verifica na superfície dos fenômenos econômicos, mas serve de ponto de partida de um tecido de categorias que, além de caminhar do abstrato para o concreto, vai da profundidade das estruturas para a superfície da aparência. (GIANNOTTI, 1978, p. XXII).

O segundo volume de *O Capital*: sobre a circulação do capital, só veio à tona em 1885, dois anos após a morte de Marx. E o *terceiro volume*, que discute o processo de produção capitalista em sua totalidade, só apareceu quase dez anos mais tarde (1894), devido ao estado caótico desta obra deixada para Engels, que a publicou um pouco antes do II volume.

¹⁵ Assim, sepulta-se a “hegeliano fobia” cega e louca de Althusser (e outros marxistas) quando ele defende a ruptura (cesura epistemológica) entre o jovem e o velho Marx, em obstinada atitude de “cortar”, simplesmente, um pensamento em dois. Qualquer leitura do “*Pour Marx*” de Althusser, levaria qualquer um a compará-lo, metaforicamente, a um exorcista que religiosamente tenta expurgar um demônio do corpo “puro” de um anjo. Tentativa vã frente a uma teoria que se coloca como sistema de pensamento.

¹⁶ Polêmica que ocupou Marx por dezoito meses, tratando de algo “simplório”, que era a tentativa de provar o envolvimento de Karl Vogt com o governo de Luís Bonaparte. Polêmica que culminou na publicação de um livro intitulado “Herr Vogt” (Londres, 1860). Mais detalhes ver: (McLELLAN, 1990, pp. 332-7).

Karl Marx: vida e obra em uma introdução histórico-crítica

NEVES, F. Ramos

Há um *quarto volume*, tratando sobre a maior parte histórica de O Capital, que levara o título *Teorias da Mais-valia*, publicado por Kautsky em 1905-10.

Depois de muitos conflitos, Napoleão III, que declarou guerra à Alemanha, não teve êxito, cai e assume o poder, um outro governo. Aproveitando da situação de instabilidade, o povo parisiense organiza um levante. E com o vazio do poder deixado em Paris, devido ao avanço da Alemanha, o Comitê Central da Guarda Nacional estabeleceu eleições diretas para formar uma assembléia popular, que em 8 de março de 1871 tomou o título de Comuna de Paris.

Realizaram-se reformas, por não ter havido experiência e organização sistemática, a Comuna é totalmente esmagada em 27 de maio de 1871 por uma aliança dos dirigentes franceses com os prussianos. São milhares de mortos. Para este levante popular Marx escreve e publica uma declaração com o subtítulo: “*A Guerra Civil na França*” (MARX, 2011), onde expõe uma análise da Comuna e dos processos políticos envolvendo-a. Foi um texto escrito apenas por Marx como a Terceira Mensagem do Conselho da Associação Internacional, que relata também a breve história desta que foi considerada uma das primeiras experiências de tomada de poder por parte das classes trabalhadoras. Porém, em 1891, em uma nova edição, Engels amplia com a inserção das duas primeiras mensagens de Marx para a Internacional Comunista. Nesta obra, Marx declarava sua simpatia pela Comuna, porém com algumas críticas restrições.¹⁷

As críticas aparecem em momentos que analisa os componentes mistos na composição do bloco de resistência. Muitos sob suspeita de conciliação com o inimigo ou por cometer atos nocivos ao sucesso do movimento revolucionário. Como podemos perceber nesta obra em análise, Marx, sobre os acontecimentos, relata que havia “uma coisa um tanto misteriosa nos procedimentos de Thiers: sua negligência ao precipitar a revolução de Paris.” (MARX, 2011, p. 86). Esta e outras suspeitas colocavam Marx como espectador das ações da comuna, com muita empolgação, mas consciente dos seus limites, o que resultou em uma derrota dos insurretos.

Tendo a continuação da guerra se tornando impossível pelos próprios termos do armistício humildemente aceito pelos *capitulards*, a Assembleia não tinha mais a fazer do que registrar uma paz infame e, para essa performance específica, os piores homens da França eram [os] melhores (MARX, 2011, p. 96).

A guerra civil foi marcada por atropelos, capitulações e traições por parte de alguns “demagogos” dentre alguns insurgentes de Paris instalados no Governo de Defesa, fatores que contribuíram para a derrota da insurreição. Os revoltosos de Paris enfrentavam o pior inimigo da luta revolucionária: traidores entre os aliados. E “as tentativas dos trabalhadores de Paris – em 5 de outubro, 31 de outubro etc. – de suplantarem esses traidores pela Comuna foram esmagadas como conspirações com os prussianos.” (MARX, 2011, p. 84). Com

¹⁷ “A Guerra Civil na França é somente uma interpretação da Comuna: havia interpretações proudhonistas, blanquistas e anarquistas que eram tão justificáveis como a de Marx, na medida em que suas visões eram igualmente reveladoras da Comuna” (McLELLAN, 1990, p. 425).

Karl Marx: vida e obra em uma introdução histórico-crítica

NEVES, F. Ramos

todas essas questões críticas, como Marx bem relatou, a Comuna de Paris foi uma tentativa de “assalto aos céus”. Com o fim da Comuna houve perseguições por toda a Europa e o sonho da revolução europeia fora definitivamente varrido dos olhos dos comunistas da Internacional.

É importante ressaltar um aspecto político de certa relevância na vida de Marx, a fundação e organização da Associação Internacional dos Trabalhadores ou (conhecidamente mais tarde) a I Internacional Comunista. Surgiu inicialmente dos acontecimentos em torno da “Insurreição polonesa de 1863” (McLELLAN, 1990, p. 385), que motivou a elaboração de uma mensagem (após um comício em Londres sobre a questão polonesa) propondo a sua fundação. Em um primeiro encontro no dia 28 de setembro de 1864 a Internacional veio à luz da vida. Uma vida marcada por algumas conquistas, mas ferida por muitas intrigas e controvérsias.

A Internacional experimentou épocas de prósperos crescimentos com a guerra franco-prussiana e aumento das greves gerado pela crise econômica de 1866-7; porém, melancolicamente declinou do seu auge e sofreu alguns atropelos no período da Comuna de Paris. Tropeçou outras vezes mais, nas barbas da intolerância interna, ao expulsar membros, dentre eles Bakunin: mesmo sendo “totalmente falso supor que Bakunin realmente organizou oposição dentro da internacional” (McLELLAN, 1990, p. 408-9). Os dirigentes da Internacional Comunista ainda tentaram salvá-la, pelo menos paliativamente, transferindo a sede do seu Conselho para Nova York (decisão do Congresso de Haia de 1872) e foi definitivamente à lona em 1876, deixando o movimento internacional dos operários e intelectuais comunistas sem uma unidade e organização mundial.

A morte da I Internacional anunciou a abertura de uma nova fase para o movimento operário de vários países europeus. Na Alemanha havia somente dois partidos (o partido Lassalleano e o de Eisenach); o momento de crise inaugurado na Europa, levou os dois a buscarem uma unificação. Para isso, articularam um programa unido e em 1875, em Gotha (pequena cidade na Alemanha Central) celebraram a unificação. Marx e Engels não participaram desse processo. Não gostaram do Programa, o que levou Marx a escrever um manuscrito conhecido como “*Crítica do Programa de Gotha*” (publicado somente em 1891). Neste manuscrito Marx discorre criticamente sobre distribuição, trabalho, socialismo, comunismo, Estado, etc. Nesta obra Marx deixa claro sua ideia acerca da transição para o comunismo: deverá ser por meio das lutas revolucionárias, estabelecendo uma “ditadura do proletariado”. Descartando, com isso, os novos métodos de reformas sociais e de luta pelas liberdades democráticas apresentadas pelo programa efetivado em Gotha. É o reconhecimento político do caminho de ruptura violenta pela revolução social; caminho muitas vezes invocado e hipostasiado como necessário, nas análises históricas marxianas (*Manifesto, Ideologia Alemã*, etc.). Marx e Engels proclamam que os comunistas “declaram abertamente que seus objetivos só podem ser alcançados com a derrubada violenta de toda a ordem social até aqui existente.” (MARX; ENGELS, 1988, p. 99). É o negar da primazia das modernas atitudes de disputa hegemônica, só repensadas mais tarde a partir, fundamentalmente, de Antônio Gramsci, embora este não siga o mesmo caminho proposto pelo Programa de Gotha.

Depois de tudo isso, Marx tentou terminar *O Capital*, mas, a doença e outros problemas (como a morte de sua mulher, Jenny, em 1881) o bloqueou por completo.

Karl Marx: vida e obra em uma introdução histórico-crítica

NEVES, F. Ramos

Engels podia imaginar, mas não teve a certeza (tão procurada em suas obras) de prever o futuro pelo princípio do determinismo histórico e constatar que em 28 de junho de 1883 ele teria - ao assinar o prefácio do Manifesto do Partido Comunista à edição alemã - que dizer: “Tenho de ser, infelizmente, o único a assinar o prefácio desta edição.”(ENGELS, 1980, p. 17).

Naquele momento, o tempo já chorava muito sobre o túmulo de Karl Marx, chegando a reverdecer a primeira relva prateada pelos orvalhos da manhã. Talvez (de acordo com a filosofia materialista da história) o “animismo” da natureza, alimentado por suas “leis”, já preparava há muito tempo essa bonita relva, iniciada no momento em que ele, em 14 de março de 1883, adormecera pacificamente, na sua poltrona, o sono eterno, deixando o mundo órfão de um grande filósofo da práxis revolucionária. Que mesmo com todos os elementos críticos presentes em sua obra é considerado o fundador de uma robusta análise crítica do Capitalismo e consagrou-se como um dos principais filósofos do Século XIX, deixando um legado incomensurável para uma legião de seguidores que formam o Marxismo e seus historiadores.

Entre as obras clássicas do marxismo ou do pensamento marxiano, para alguns, se encontram as obras de Engels (1820 - 1895). Em 1845, depois de pesquisar intensivamente a vida econômica da Inglaterra, Engels escreveu “*A Situação da Classe Trabalhadora em Inglaterra*”, obra que entusiasmou em muito Marx. O “*Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico*” constitui uma exposição popular dos três capítulos do “*Anti-Dühring*” (publicado em 1878), onde Engels relata um histórico das doutrinas sociais anteriores ao marxismo, bem como trata das três partes integrantes e constitutivas do marxismo.

A obra, “*Ludwig Feuerbach*” (1886), também representa uma importante produção de Engels, onde tenta divisar as águas entre o materialismo e o idealismo alemão de Feuerbach e principalmente de Hegel. Além de outros trabalhos teóricos mais, Engels também escreveu “*A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*” (1884). Todas as suas obras são perpassadas pelo fio crescente do positivismo. Orientação essa,

então tão em moda nos círculos intelectuais. Esta tendência que começou em ‘Anti-Dühring’ e Engels alimentou em seus ‘Ludwig Feuerbach’ e ‘Dialética da Natureza’, alcançou seu apogeu nos manuais soviéticos de materialismo dialético (McLELLAN, 1990, p. 448-9).

Por fim, percebe-se que as investigações nas obras de Engels estão mais centradas na economia, mas, abordam questões filosóficas primordiais na contribuição para formação das ideias marxianas. Dessa forma, podemos reconhecer a produção filosófica de Marx e Engels como sendo narrada por uma escrita marxiano-engelsiana. Engels e Marx eram muito ligados pelo ideal racionalista de compreensão da história dentro de um ponto de vista de cientificidade, bem economicista, o que era bem mais presente no primeiro. No entanto, Marx seguia no mesmo caminho influenciado e influenciando. Engels narra isto muito bem a seguir:

Karl Marx: vida e obra em uma introdução histórico-crítica

NEVES, F. Ramos

Dessa proposição que, na minha opinião, está destinada a fazer pela história o mesmo que a teoria de Darwin fez pela biologia, nós nos aproximáramos ambos, pouco a pouco, alguns anos antes de 1845. Meu livro *A situação da classe operária na Inglaterra* revela até onde eu próprio avançara independentemente nessa direção. Mas quando reencontrei Marx em Bruxelas, na primavera de 1845, ele já a elaborara completamente e dela me fez uma exposição em termos quase tão claros quanto os que expressei aqui (ENGELS, 1988, p. 51).

Claro que os dois tiveram grande importância na construção da teoria marxiana, mas, não podemos deixar de reconhecer, como reconheceram seus parceiros intelectuais, nos acontecimentos marcantes da Internacional Comunista, que Marx era realmente a inteligência mais atuante e brilhante do seu tempo, capaz de melhor sintetizar e aprofundar as ideias do grupo.

CONCLUSÃO

Identificar elementos de racionalismo cientificista na obra marxiana ou no marxismo em geral não visa desmerecer o inestimável edifício teórico de qualidade em suas ideias. Apenas serve à análise dos seus escritos como parte de um sistema específico de elaboração filosófica. Marx se empenhou muito bem e conseguiu estabelecer os pressupostos e os elementos gnosiológicos, axiológicos e ontológicos para um sistema de pensamento, de acordo com o rigor epistemológico exigido em seu tempo.

Mesmo com uma breve exposição de sua obra e vida podemos constatar o rico e complexo caminho político, econômico e filosófico para formação de tal sistema de pensamento. As concepções de sociedade oriundas dessa teoria tentam espelhar seus pressupostos filosóficos.

Como a própria dinâmica dialética da vida, tal qual Marx preconizou para compreensão da realidade, a vida se renova, transforma e é transformada, e o mesmo ocorre no universo do pensamento, no qual as teorias precisam ser repensadas. Entendemos que a crise que enfrenta o marxismo, fazendo-o carecer de reestruturação na atualidade, não é de erro da ação prática, ou pelo fato de não ter ocorrido experiências marxistas bem-sucedidas e continuadas na história dinâmica do poder de Estado nas sociedades. A crise analisada nesse ponto de vista seria uma simplória redução positivista do argumento de legitimação dos discursos. A crise precisa ser encarada em seus aspectos e pressupostos fundamentais.

E essa mesma crise pode ser repensada como germes que anunciam a superação dialética de uma teoria que precisa ser refundada em novos tempos históricos emergentes, na atual fase de lutas de classes; agora além da esfera da ideia do Estado opressor em si

Karl Marx: vida e obra em uma introdução histórico-crítica

NEVES, F. Ramos

mesmo. Para fazer perceber que biopoliticamente a vida em sociedade sofre novas e mais desumanas formas de opressão, nas mais veladas fendas da micropolítica. Situação que conclama a todos, os que se encontram nos campos de resistência e de luta por uma sociedade justa, para revolucionarem-se e repensarem a política em novas e múltiplas perspectivas.

E como em todo salto dialético do *aufheben* podemos deixar de lado aspectos falhos e superáveis da teoria, porém carregar para um nível superior de qualidade a ideia inquietante da revolução marxista da história. Revolução pensada como finalidade para a humanidade. Nessa “suprassunção”, no sentido hegeliano do *Aufhebung*, o que deverá seguir em frente, como continuidade no ideal marxista, é que toda forma de opressão e exploração insana do homem pelo homem, em uma desigual e brutal luta de classes, deve ser abolida em nome de todos. E independentemente das denominações político-econômicas que caracterizam as classes dominantes ou dominadas no presente, o ideal permanece o mesmo.

a história dessas lutas de classes forma uma série de evoluções a partir das quais atingiu-se hoje um estágio em que a classe oprimida e explorada – o proletariado – não pode alcançar sua emancipação do controle (*sway*) da classe dominante e exploradora – a burguesia – sem libertar, ao mesmo tempo e para sempre, toda a sociedade da exploração, da opressão, das distinções de classes e das lutas de classes (MARX; ENGELS, 1988, p. 51).

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. **A Favor de Marx – (Pour Marx)**. 2. Ed. Rio: Zahar, 1977.
- CHASIN, J. (Org.). **Marx Hoje**. São Paulo: Ensaio, 1987. (Cadernos Ensaio 1)
- ALTHUSSER, Louis. Marx – Da razão do mundo ao mundo sem razão. In: CHASIN, J. (Org.). **Marx Hoje**. São Paulo: Ensaio, 1987. (Cadernos Ensaio 1)
- ENGELS, F. Karl Marx. In: CHASIN, J. (Org.). **Marx Hoje**. São Paulo: Ensaio, 1987. (Cadernos Ensaio 1)
- ENGELS, F. Prefácio à edição alemã de 1883 do Manifesto Comunista. In: MARX, K.; ENGELS, F. **Obras Escolhidas**. v.1. São Paulo: Alfa-Ômega, 1980.
- ENGELS, Friedrich. Prefácio à edição inglesa de 1888 do Manifesto do Partido Comunista. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. Petrópolis: Vozes, 1988.

Karl Marx: vida e obra em uma introdução histórico-crítica

NEVES, F. Ramos

GIANNOTTI, José Arthur. Marx: Vida e Obra. In: **Karl Marx**. 2.ed. São Paulo, Abril Cultural, 1978. (Col. Os Pensadores)

LENIN, Vladimir Ilich Ulianov. **As três fontes e as três partes constitutivas do Marxismo**. 5.ed. São Paulo: Global, 1985. (Col. Bases 8).

LÖWITZ, Karl. **El Sentido de la História**. Madrid: Aguilar, 1956.

MARX, Karl. **A guerra civil na França**. São Paulo: Boitempo, 2011.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Ideologia Alemã**. São Paulo: Moraes, 1984.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. Petrópolis: Vozes, 1988.

MARX, Karl. **Manuscritos econômicos filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2008.

McLELLAN, David. **Karl Marx: Vida e Pensamento**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1990.

TRAGTENBERG, Maurício. Marx/Bakunin. In: CHASIN, J. (Org.). **Marx Hoje**. São Paulo: Ensaio, 1987. (Cadernos Ensaio 1)

VAZ, Henrique Lima. Sobre as fontes filosóficas do pensamento de Karl Marx. In: CHASIN, J. (Org.). **Marx Hoje**. São Paulo: Ensaio, 1987. (Cadernos Ensaio 1)